

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



ARQUITETURA RELIGIOSA NEOCOLONIAL EM BELÉM DO PARÁ: ESTUDO DE CASO DA CAPELA DO ANTIGO INSTITUTO DOM BOSCO

NEOCOLONIAL RELIGIOUS ARCHITECTURE IN BELÉM DO PARÁ: CASE STUDY OF THE CHAPEL OF THE FORMER DOM BOSCO INSTITUTE ARQUITECTURA

RELIGIOSA NEOCOLONIAL EN BELÉM DO PARÁ: ESTUDIO DE CASO DE LA CAPILLA DEL EX INSTITUTO DOM BOSCO

Felipe Moreira Azevedo¹

Raissa Araújo de Souza²

Cybelle Salvador Miranda³

RESUMO

Belém do Pará abriga um amplo acervo de construções religiosas, que incorporam a qualidade de documento histórico e parte da identidade do povo. No entanto, ao deixar o âmbito das maiores igrejas, as pequenas capelas do século XX vão aos poucos sendo invisibilizadas no contexto. Integrando a linha de pesquisa Arquitetura sacra desenvolvida no Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural, visou-se analisar a Capela do antigo Instituto Dom Bosco, no bairro do Reduto, atentando para o estudo de sua gramática compositiva presente na fachada de traços neocoloniais, bem como as percepções de sua tangibilidade invisível na contemporaneidade da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura sacra; Linguagem Neocolonial; Invisibilidade; Capela do antigo Instituto Dom Bosco; Belém-PA.

ABSTRACT

Belém of Pará houses a wide collection of religious buildings, which embody the quality of a historical document and part of the people's identity. However, when leaving the scope of the

¹ Universidade Federal do Pará, <https://orcid.org/0000-0002-6490-1217> | arqlipe.moreira@gmail.com

² Universidade Federal do Pará, <https://orcid.org/0009-0001-8859-9067> | raissaaarasouza@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará, <https://orcid.org/0000-0001-5913-989X> | cybelle@ufpa.br

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



largest churches, the small chapels of the 20th century are gradually becoming invisible in the context. As part of the research line Sacred Architecture developed at the Cultural Memory and Heritage Laboratory, the aim was to analyze the Chapel of the former Instituto Dom Bosco, in the Reduto neighborhood, paying attention to the study of its compositional grammar present in the façade with neocolonial features, as well as the perceptions of its invisible tangibility in the contemporary city.

KEYWORDS: Sacred architecture; Neocolonial Language; Invisibility; Chapel of the former Dom Bosco Institute; Belém-PA.

RESUMEN

Belém do Pará alberga un amplio conjunto de edificios religiosos, que encarnan la calidad de documento histórico y parte de la identidad del pueblo. Sin embargo, al salir del ámbito de las iglesias más grandes, las pequeñas capillas del siglo XX van poco a poco haciéndose invisibles en el contexto. Como parte de la línea de investigación Arquitectura Sacra desarrollada en el Laboratorio de Memoria y Patrimonio Cultural, se tuvo como objetivo analizar la Capilla del antiguo Instituto Dom Bosco, en el barrio de Reduto, atendiendo al estudio de su gramática compositiva presente en la fachada con rasgos neocoloniales, así como las percepciones de su tangibilidad invisible en la ciudad contemporánea.

PALABRAS CRAVE: Arquitectura sagrada; Lengua Neocolonial; Invisibilidad; Capilla del antiguo Instituto Dom Bosco; Belém-PA.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo vincula-se à pesquisa Arquiteturas em busca de enquadramento: etnografando memórias e esquecimentos na Amazônia, que compõe o grupo de pesquisa Arquitetura Memória e Etnografia (AME). Nele as pesquisas se voltam às arquiteturas históricas na Amazônia não só como fontes memoriais, mas receptáculos arquitetônicos projetados em tipos e tipologias que integram-se ao meio como espaços construídos, logo, de importância ao levantamento gramatical compositivo visando seu reconhecimento no contexto amazônico.

No bojo deste grupo há obras a serem analisadas, e dentre estas há as de cunho religioso projetadas em momentos/períodos diferentes na cidade de Belém, como as erguidas a partir do século XX, especificamente as construídas por devotos da paróquia de Nazaré, de

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



onde se projetaram as missões das paróquias de São José e São Raimundo Nonato, abrangendo os bairros de Nazaré, Umarizal e Reduto (Souza, 2022). O bairro do Reduto é o *locus* onde se inscreve o objeto arquitetônico deste artigo.

Dentre as arquiteturas deste bairro há a Capela do antigo Instituto Dom Bosco, fundado pela rede salesiana do Brasil, e que apresenta em sua fachada uma composição neocolonial hispânico-americano (Azevedo, 2015). Esta integra-se ao contexto arquitetônico moderno brasileiro no período entre as décadas de 30 e 50 do século XX (Mascaro, 2008), visando a modernidade a partir da materialização do passado. Formando as bases de uma nova arquitetura que se afastou dos ecleticismos e historicismos decorativos e voltada as novas formas, materiais e usos que se viam na construção civil.

No geral, aprofunda-se as análises da mesma, a fim de compreender como esta repercute na contemporaneidade pela sua tangibilidade como bem cultural. Especificamente, estruturou-se o conhecimento histórico-social do bairro do Reduto ao contexto das construções religiosas, a partir da relação entre o bairro e a Capela do antigo Instituto Dom Bosco, como espaço religioso e de representatividade à comunidade do bairro; o estudo sobre as influências estéticas às composições gramaticais no Brasil à linguagem neocolonial; e a análise da gramática compositiva que o objeto de estudo desta pesquisa apresenta, entrelaçando sua significância memográfica social e arquitetônica.

A metodologia parte de uma estrutura quali-quantitativa, prezando o interesse pelo levantamento estético e morfológico, adotando a realização de visitas *in loco*, com levantamento fotográfico, levantamento bibliográfico e de registros sobre a obra e temas que se entrelaçam à pesquisa, como: arquitetura religiosa neocolonial, invisibilidades e pertencimentos, e conhecimentos e reconhecimentos em bens patrimoniais ou de interesse à preservação. A análise dos dados coletados resultou no estudo da gramática compositiva que estrutura e enquadra o prédio alvo deste estudo à sua significância cultural na/da cidade de Belém.

2 DO REDUTO DE SÃO JOSÉ À BAIRRO DO REDUTO

O bairro do Reduto tem uma extensa história marcada por modificações de sua ocupação e função, sendo o terceiro núcleo da ocupação de Belém. Originou-se da ereção de um forte para armazenamento de armas, o Reduto de São José, em 1751, como medida

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



para a expansão da ocupação do território no interior da província, embora o bairro só comece a ser ocupado no século XVIII (Sousa, 2009).

A topografia da região cortada por pequenos rios e próximo à baía do Guajará propiciou o desenvolvimento de atividade portuária e comercial que posteriormente deu lugar à Doca do Reduto, um pujante núcleo comercial que se desenvolveu em torno do igarapé do Reduto (Gomes, 2021). Ao longo da Rua 28 de setembro se formou um núcleo comercial consolidado que competia com a doca do Ver-o-Peso. Nesse momento, o Reduto recebe a sua segunda denominação, a de bairro mercado (Sousa, 2009).

O final do século XVIII é o momento de maior protagonismo da economia da borracha. O ativo mercado se dividia em extração, beneficiamento, negociação e venda nos portos, além disso, nestes era distribuído todo tipo de insumo coletado das florestas e mercadorias manufaturadas que eram levadas ao interior, sendo a principal forma de transporte a navegação. Nesse momento, Belém, com sua posição estratégica junto ao rio, se torna um ponto central (Mcgrath, 1999). Por essa razão é possível entender a dimensão do papel que os portos e docas de Belém exerciam.

Além do fluxo de bens, havia o de pessoas, ao longo do século XIX Belém recebeu muitos imigrantes que se estabeleciam no bairro do Reduto desenvolvendo atividades comerciais e, mais tarde, industriais, passando a ser reconhecido como um bairro de imigrantes (Sousa, 2009). Com a importância dos portos e o anseio à modernização da cidade, no início do século XX a Doca do Reduto é fechada para a construção do Porto, provocando a diminuição da atividade comercial, mas não completamente (Teixeira, 2005).

A virada do século XX traz para Belém o desenvolvimento da indústria, por sua localização próxima ao porto, ponto de escoamento de mercadorias, e presença de amplos lotes vazios, o bairro do Reduto se tornou o local para o estabelecimento deste polo industrial (Vidal; Oliveira, 2018). Até meados do século XX, esta indústria se desenvolveu fortemente, caracterizando o Reduto como um bairro industrial (Mourão, 2017).

Com a integração da Amazônia ao país pelas rodovias, a industrialização no bairro perdeu força, mas ainda restam vestígios deste tipo de atividade. A paisagem do bairro hoje é marcada por elementos destes diferentes momentos e construções modernas. A investigação das construções religiosas deste período de transição, a partir do século XX, levou ao estudo das capelas do Reduto, a capela Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças e a capela do antigo Instituto Dom Bosco, do qual partiu esse estudo.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



3 AS INFLUÊNCIAS DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA RELIGIOSA NEOCOLONIAL NO BRASIL

Quando se estuda obras neocoloniais religiosas verifica-se que as bases da gramática compositiva vem tanto da influência interna das ordens religiosas, quanto da matriz barroca que se desenvolveu no Brasil (Mascaro, 2008). Portanto, muito do que se vê são traços de uma tradição arquitetônica portuguesa religiosa, em especial o estilo jesuítico (Laemmert, 1923), que se amalgama, dentro do neocolonial, com reminiscências ornamentais do chamado barroco brasileiro e, também, do *Misson Style*.

A suposição inicial era a de que existe um conteúdo ideológico, na opção pelo neocolonial, talvez já modificado, em relação àquele lançado por Severo, mas um conteúdo ligado, antes, à rememoração de períodos importantes para a Igreja, no que diz respeito à conquista dos fiéis, e nos quais a arquitetura foi utilizada como recurso de persuasão. (...) (Mascaro, 2008, p. 132-133).

Em outras palavras, “(...) a arquitetura religiosa que evoque o barroco está, antes, referindo-se a um período muito significativo da Igreja, mais do que a um modo de expressão que pretenda recuperar as raízes tradicionais ou culturais do país” (Mascaro, 2008, p. 133). Sob esta linha de raciocínio, “(...) as edificações religiosas, capellas, igrejas, cenóbios e collegios jesuíticos [foram os] que primitivamente movimentaram a edificação colonial” (Laemmert, 1923, p. 100). A autora reflete que:

Acreditamos que referências diversas – do barroco europeu, do barroco brasileiro, da arquitetura jesuítica e de outras ordens – confluíram para o florescimento da arquitetura religiosa neocolonial nas primeiras décadas do século XX. Assim temos um conteúdo ideológico transformado, mas associado ao original, que nos impede de considerar a difusão do neocolonial, nesse âmbito religioso, apenas como modismo vazio (Mascaro, 2008, p. 133).

Segundo Tirapelli (2008,) os inacianos construíram igrejas, capelas e colégios nos pontos extremos do país, para a aproximação aos indígenas, tanto no litoral como na Amazônia. Já as outras ordens – franciscanos, carmelitas e beneditinos – chegaram 50 anos depois, e optaram por conventos em vilas e povoações. Logo, a repartição das atividades religiosas (colonização-catequese-evangelização) seria: a evangelização dos colonos pelos carmelitas e franciscanos; e a vida contemplativa os beneditinos.

A partir dessa sistematização, se desenvolvem as arquiteturas religiosas do período colonial, na qual “a evolução estrutural desta arte liga-se, de modo profundo, aos percursos históricos” (Góis, 2010, p. 54). Em outras palavras, a gramática compositiva que irá influenciar

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



o neocolonial religioso pelo estilo jesuítico ou eclesiástico toma como base inicial a essência portuguesa “começando então com o românico, (...)” (Góis, 2010, p. 54).

Essa evolução atinge o maneirismo português, no qual a técnica da talha se aprimora, passando a ser manifestada de forma e repertório claro no barroco. Logo, toda esta junção de estilos e composições ornamentais (volutas, frontões, colunas torças, vergas ornamentadas, texturização em pedra, coruchéus, azulejos, etc.), chegam ao Brasil simultaneamente. Tal confirmação é vista nas tipologias encontradas, semelhantes às presentes na metrópole e no antigo Reino de Portugal. Para Smith (2012), as primeiras construções não tinham um grande caráter arquitetônico, sendo, no geral, pequenas capelas com paredes de madeira e tetos de colmo. Posteriormente foram reconstruídas em taipas, barro e tijolos, com telhados. Em um terceiro momento sofrem novas alterações, quando portas, janelas, cimalhas e a talha dos interiores são refeitos.

Sobre a decoração, segundo Smith (2012), eram simplificadas. Tendo por fora portas de jacarandá com elementos almofadados; pequenas pilastras ornadas com bolas ou pirâmides de pedra; e uma cruz no frontispício, marcando o modelo humilde, branco e voltado a simplicidade campestre. Posteriormente, no século XVIII, tanto em planta baixa quanto em fachadas, há presença de proporções maiores; torres implantadas nos cantos de um retângulo das plantas de três naves; naves mais altas e mais largas, sacristias salientes e capelas-mor profundas; além da maior decoração externa, e interior com talhas em tons claros, tendo detalhes em pedra (sobrevergas, vergas, cunhais, cimalhas, etc.).

“As construções ao longo de todo o litoral – de Belém a São Vicente, em São Paulo, passando pelo Rio de Janeiro (...) – seguem as normas rígidas dos tratadistas maneiristas ou dos modelos simplificados portugueses da arquitetura chã” (Tirapeli, 2008, p. 14). Com suporte estético/ornamental via-se pedra como revestimento, cimalhas, cunhais, volutas, colunas torças, torres quadradas, sobrevergas com cártulas decoradas, frontões sinuosos, azulejos, e outros que serão utilizados no neocolonial religioso – adaptadas à sua linguagem – , como “o seminário Frei Galvão, em Guaratinguetá, de 1941 (...). [e o] Seminário Santo Antonio, em Agudos, de 1950. (...)” (Mascaro, 2008, p. 139).

https://doi.org/10.20873/fev2024_1

Figuras 1 e 2 – Seminários Frei Galvão e Santo Antonio, respectivamente.



Fonte: Site dos franciscanos⁴.

Nestas arquiteturas (Figuras 1 e 2) vê-se os mesmos elementos ornamentais e estético-funcionais anteriormente comentados, tanto na linha religiosa portuguesa, quanto em elementos da arquitetura barroca brasileira. Suas gramáticas compositivas são marcadas por um pórtico proeminente, simétrico e que impõe a monumentalidade às construções, juntamente como suas arcarias (em Frei Galvão ladeando a entrada principal, já em Santo Antonio serve de átrio) e a avantajada horizontalidade de suas alas laterais.

Especialmente as fachadas das igrejas, que avançam com relação ao restante do corpo construído, é um recurso da arquitetura jesuítica que reaparece nos colégios franciscanos de Guaratinguetá e Agudos. Essa característica aparece também, como vimos, nos prédios da Escola Nacional de Agronomia (...) e das Escolas Práticas de Agricultura (...) (Mascaro, 2008, p. 142).

Estas duas últimas obras citadas por Mascaro, são neocoloniais desenvolvidas entre as décadas de 30 a 50, do século XX, em cidades do interior do estado de São Paulo, e que compunham um sistema de governo do Estado, mas que posteriormente passam a ser replicados em outros estados à nível federal, quando são criados os institutos agrônômicos no período do Estado Novo, a exemplo do erguido em Belém do Pará, em 1939 (Azevedo, 2015), hoje sede da reitoria da Universidade Federal Rural da Amazônia.

Para além da base franciscana, segundo Mascaro (2008), há no interior do estado de São Paulo outras evidências de arquiteturas religiosas construídas sob a linguagem neocolonial como estética chave às propostas (construídas ou reformadas), no período de 1920 e 1950. No decorrer de sua pesquisa, a autora aborda descrições gramaticais de sete obras entre igrejas, santuários e catedrais, além dos seminários comentados.

⁴ Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



Em sua produção textual, elementos/estilemas compositivos e ornamentais são elencados e repetidos desenvolvendo, assim, um sistema gramatical que se repete com leves pontos de diferenciação, mas voltados à criação de uma composição própria dos projetistas. Em outras palavras, embora possa haver essas gramáticas, cada obra a aplica de maneira diferente, criando, portanto, uma roupagem que a marca ou caracteriza.

Dentro destas há elementos como: torres quadradas; balaústres; balaústres torneados; coruchéus; cúpulas de cebola; frontões sinuosos; painéis de azulejos; pórticos; arcos plenos e abatidos; telhas capa e canal; coberturas aparentes; cimalthas; rabos de andorinha, plumas ou pombas; volutas; cunhais; alpendres; formas de conchas (rocaillhes); colunas torças; cártulas; sacadas; nichos; e óculos (redondos e quadrilobados).

Já nas fachadas e volumetrias, vê-se simetria marcada pelas posições das janelas de formas e molduras variadas (dependendo do traço do arquiteto, mas sempre contendo vergas retas, ou em arcos plenos ou abatidos); uso de portas-janelas e portas com almofadas; texturização das paredes externas (chapiscadas, lisas e criando linhas de rusticação); monumentalidade (muito marcada nas fachadas); e a presença da divisão das arquiteturas em base (embasamento – rés-do-chão –, com textura mais rústica), corpo (os pavimentos) e coroamento (cobertura, no geral aparente com beirais e frontão sinuoso, podendo ainda conter coruchéus e volutas ornamentais).

Existem, ainda, as sob a influência do tipo hispânico-americano (Azevedo, 2015), com ênfase no *Mission Style*. Esse traço, embora não muito desenvolvido no país para esta função, é pontualmente visto como na Igreja da Paróquia de Santo Antônio (Figura 3), na cidade de São Carlos (Mascaro, 2008). Esta obra contém uma única torre de base prismática quadrada, ornamentada com cimalthas salientes, molduras com arcos plenos e colunas torças, e esquadrias com formas e proporções diferenciadas.

Além desses há: pórtico no alinhamento da parede da fachada principal, com proeminência, no modelo de portal, da moldura da porta de entrada ornamentada em composição de enxalço (semelhante aos da estética românica, porém sem esculturas, e com colunas torças), cuja moldura é finalizada à superior por cobertura com cimalthas pintadas de branco e detalhes ornamentais em volutas criando um diminuto frontão.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1

Figura 3 – Paróquia Santo Antônio de Pádua em São Carlos.



Fonte: Site da diocese de São Carlos⁵.

Presença de frontaria estruturada por frontão sinuoso tendo coruchéus nas pontas e na parte interna uma cruz, e abaixo um óculo quadrilobado; a fachada principal contém cunhais com rusticação e moldura percorrendo o limite da fachada, com linhas retas e volutas nos arremates superiores, e cártulas quadrilobadas (estes estilemas se repetem nas demais fachadas). Possui monumentalidade pela altura e proporção, com ênfase na frontaria e na torre, sendo que esta proporciona assimetria; além da divisão volumétrica em base (embasamento com texturização lisa), corpo (térreo com pé-direito avantajado) e coroamento (cobertura com platibanda cega com frontões sinuosos em cada fachada).

Portanto, as influências da estética neocolonial de função religiosa, como frisado por Mascaro (2008), foi percebida nos diversos estados brasileiros, com destaque para a expressão de fachada, atingindo cidades do Norte como Belém do Pará, porém, sem filiar-se ao movimento idealizado por Ricardo Severo, José Marianno Filho, Mario de Andrade e outros. Assim, “(...) vê-se que estas ideologias não foram difundidas, o ideal de nacionalismo e patriotismo ficou relegado apenas às arquiteturas de cunho público e militar (...)” (Azevedo, 2015, p. 254), já às outras funções “(...) para a forma de projetar e construir (...), [relegou-se] (...) apenas o uso dos elementos, formas e ornamentação desta linguagem para construir edificações suntuosas, minuciosas nos detalhes e que representassem o *moderno* da época” (Azevedo, 2015, p. 254).

⁵ Disponível em: <<https://www.diocesesaocarlos.org.br/paroquias/paroquia-santo-antonio-de-padua/>>. Acesso em: 29 de setembro de 2023.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



4 ESTUDO DE CASO: A CAPELA DO ANTIGO INSTITUTO DOM BOSCO NO BAIRRO DO REDUTO

Os salesianos chegaram no Brasil na segunda metade do século XIX, entre o império e a I República, vindos não por “(...) uma decisão espontânea da Congregação, e, sim, uma resposta às solicitações de bispos, tais como Dom Pedro Maria de Lacerda do Rio de Janeiro, Dom Macedo Costa do Pará, dentre tantos outros” (Pitillo, 2017, p. 76). O objetivo da instalação era para “(...) assegurar sua clara posição política: enfileirar-se ao lado desses bispos, garantindo a formação de católicos e sacerdotes em suas instituições de ensino, fortalecendo, dessa maneira, essa nova concepção de Igreja” (Pitillo, 2017, p. 76). Aportam no Rio de Janeiro, em 1883 (Pitillo, 2015), vindo fundar em Niterói o Colégio Santa Rosa (o primeiro do ensino salesiano no Brasil).

Segundo Facão (2008), no relato dos viajantes salesianos à Amazônia, em 1882, destaca-se certa aversão às congregações religiosas, porém uma boa aceitação da sociedade dos salesianos, pois eram valorizados pela sua filantropia. Assim, iniciou-se as articulações para a implantação do projeto salesiano que consistia em propor “(...) ao governo imperial criar um vicariato apostólico na Amazônia, uma nova diocese em Alagoas e estabelecer a sede da futura Província Salesiana Brasileira no Rio de Janeiro, que serviria como centro de apoio a outros dois centros, Cuiabá e Belém (...)” (p. 65).

Os Salesianos chegaram ao Pará no ano de 1930 para ocupar o então prédio do antigo Convento dos Carmelitas Calçados, onde anteriormente já havia funcionado o Colégio Paraense, um internato tradicional da cidade, o Asilo das Órfãs Desvalidas, Hospital Militar, Seminário Menor e precedendo os Salesianos, foram os Irmãos Maristas quem ocupavam o prédio (Farias; Tavares, 2008, *on line*).

Em 1932, os salesianos já estavam no Pará com o funcionamento do Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo em Belém, posteriormente fundou-se “(...) a Escola Agrícola Dom Lasagna, conhecida como Casa do Filho do Seringueiro em Ananindeua (Pará, 1946), a Escola Salesiana do Trabalho (Belém, 1958) e a República do Pequeno Vendedor (posteriormente Movimento Emaús, 1971)” (Facão, 2008, p. 76).

A congregação salesiana inicialmente era composta por clérigos cujo nome primitivo era Pia Sociedade São Francisco de Sales, renomeclaturada Sociedade São Francisco de Sales, passando a usar o título de congregação em 1898 (Paula, 2012). Mas, em 1872, Dom

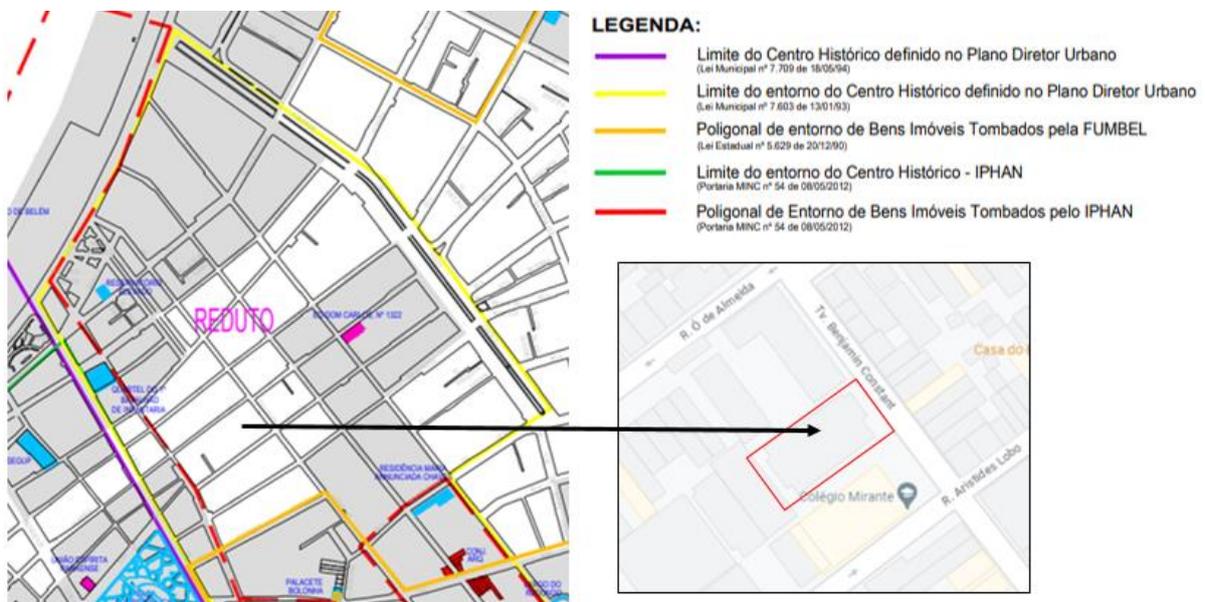
https://doi.org/10.20873/fev2024_1



Bosco funda o instituto Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), também conhecidas como salesianas de Dom Bosco e que passam a compor a congregação.

Sobre as atividades educativas os salesianos são compostos pela família salesiana, onde está o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que chegam ao Norte do Brasil em 1923, pelo estado do Amazonas (Raphael, 2020)⁶. No Pará as irmãs atuam na: Casa Beata Eusébia Palomino, em Castanhal, 1997; o Centro Auxilium, em Belém, 1967; o Centro Social Dom Bosco, em Salinópolis, 1970; e em Belém o Instituto Dom Bosco, posteriormente Colégio Dom Bosco, situado no bairro do Reduto, 1935 (Bassalo, 1995).

Figura 4 – Localização da Capela do antigo Instituto Dom Bosco.



Fonte: Dados obtidos do mapa da Área de preservação de bens imóveis tombados e em processo de tombamento e do <https://www.google.com/maps>, organizado por AZEVEDO, Felipe Moreira (2023).

Em Belém do Pará, a estética neocolonial religiosa pouco se desenvolveu. No entanto, há um exemplar na Travessa Benjamin Constant, entre as ruas Ó de Almeida e Aristides Lobo (Figura 4), no terreno do antigo Colégio Dom Bosco, hoje Colégio Mirante, no bairro do Reduto. A arquitetura da capela está situada no limite de entorno de área tombada pelo município de Belém, sendo, portanto, área de ingerência da Fundação Cultural de Belém (FUMBEL), no caso referente ao centro histórico da cidade.

⁶ “A primeira casa das FMA na Região Norte foi a Casa Maria Auxiliadora em São Gabriel da Cachoeira. As corajosas missionárias procedentes de São Paulo (na época Inspeção Santa Catarina de Sena) **chegaram em São Gabriel da Cachoeira no dia 19 de fevereiro de 1923**” Trecho do site: <https://www.fmabrm.org.br/#quemsomos> acesso em: 22 de junho de 2023.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



Logo, o mesmo está protegido em nível municipal na categoria de preservação parcial (em atenção às composições externas e de volumetria), na linha de bens de interesse à preservação. Todavia, este exemplar religioso neocolonial fica invisível para a maioria da população. Essa percepção de invisibilidade (Godoy; Silva, 2020) se deve tanto fisicamente, pelo muro que delimita o terreno e no caso da capela a apaga no eixo de visibilidade do observador/transeunte, pois é opaco (cheio, ou seja, sem partes vazadas).

Assim como seu portão de entrada está constantemente fechado, impedindo a interação com o interior, salvo nos momentos das celebrações das santas missas e que, após o término, volta a ser fechado. Porém, a invisibilidade também advém da própria falta de registros sobre a referida obra, seja no órgão de competência responsável por sua salvaguarda, seja pela própria administração do espaço sagrado católico.

Essa dupla invisibilidade adentra ao conjunto de identidades e pertencimentos na/da cidade no que tange a bens de interesse à preservação, pois “(...) parecem invisíveis pela sociedade” (Godoy; Silva, 2020, p. 105). Sendo esta invisibilidade tanto pela falta de conhecimento e reconhecimento no transitar pela cidade, quanto para com os usuários do espaço que podem a ver pela função/uso e não por sua patrimonialidade (Miranda, 2016).

“Quando pensamos em patrimônio cultural material, parece óbvio que sua própria tangibilidade seria suficiente para que ele fosse percebido pela sociedade; (...)” (Godoy; Silva, 2020, p. 106). No entanto, para ser um patrimônio, deve ser agregado um valor cultural onde a significância para a comunidade deve ser atentada, pois “(...) é reconhecido por um grupo (e eventualmente pelo Estado) como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua ‘identidade’” (Gonçalves, 2015, p. 213).

https://doi.org/10.20873/fev2024_1

Figura 5 – Vistas das coberturas da capela.



Fonte: Foto base de Raissa Araújo, 2022-2023. Modificado por AZEVEDO, Felipe Moreira (2023).

A planta da capela é em “I” com presença de corredor lateral externo protegido com beiral, sustentado por estruturas de madeira com cachorros aparentes não talhados. A cobertura é dividida em três níveis: uma central para o corredor central, duas em nível baixo para os corredores laterais e alpendre (separados), e uma para a torre; atentando que a telha é em fibrocimento, cuja finalização do beiral lembra o modelo capa e canal, já na torre o beiral contém uma fileira de telhas cerâmicas (Figura 5).

O interior da capela possui uma nave ampla e bem iluminada por esquadrias de metal e vidro, o forro tem formato curvo como uma abóbada e revestido com relevos de forma quadrangular (...) por toda sua extensão (Trecho do diário de campo, de 25 de abril de 2023)⁷.

Se existiu, hoje não se vê detalhe ornamental neocolonial interno à obra. No entanto detecta-se uma composição no posicionamento de aberturas, como as esquadrias, que era bem presente nas obras coloniais brasileiras e que será aplicado em arquiteturas religiosas neocoloniais, como as referidas edificações mencionadas no tópico anterior.

⁷ Realizado pela mestrandia Raissa Araújo de Souza à Capela Dom Bosco, de 25 de abril de 2023.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1

Figura 6 – Vistas internas da capela.



Fonte: Foto base de Raissa Araújo, 2022. Modificado por AZEVEDO, Felipe Moreira (2023).

O traço compositivo em questão é o princípio da simetria, visto tanto nas janelas dos corredores laterais, quanto nas superiores do corredor central (Figura 6). Embora a estética da forma e os materiais sejam contemporâneos, mas a intenção de se permitir boa iluminação (direta e difusa) e ventilação naturais, integrado ao posicionamento simétrico das esquadrias, são detalhes que se veem em prédios neocoloniais. Assim como o ritmo em direção ao altar-mor marcado pelos pilares de sustentação.

Externamente há traços de gramática compositiva na fachada principal. Adotando o esquema analítico criado por Mascaro (2008), nota-se que, na Capela do antigo Instituto Dom Bosco a gramática é marcada por uma estrutura porticada que se sobressai à parede da edificação, criando um átrio, nártex ou vestíbulo à entrada principal da capela (Figura 7). Esse espaço é uma transição entre o externo e o interno, composta por três portas de entrada, dois vãos laterais, e três vãos frontais, sendo estes sustentados por colunas a influência toscana e as vergas dos vãos frontais são em arcos abatidos. Um dos vãos laterais leva a torre cilíndrica (Figura 7), aplicada no *Mission Style*, já o outro conduz ao gradil que separa atualmente o terreno da capela da residência das irmãs salesianas.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1

Figura 7 – Fachada frontal da capela, com destaque aos elementos neocoloniais.



Fonte: Foto base de Raissa Araújo, 2023. Modificado por AZEVEDO, Felipe Moreira (2023).

A fachada principal ainda possui frontaria não proeminente ao pórtico, mas simétrica ao seu eixo, marcada por um frontão sinuoso delimitado à superior por quatro volutas que se conectam, em um padrão já analisado em obras neocoloniais civis em Belém no tipo hispânico-americano (Azevedo, 2015), sendo finalizado na parte interna por um crucifixo, e cuja posição quebra o beiral da cobertura em duas partes (Figura 6).

Essa estrutura estética da fachada auxilia a destacar outro princípio compositivo que é a monumentalidade marcada pelo pórtico alpendrado em conexão ao posicionamento da frontaria e cobertura. No entanto, não se vê simetria devido ter uma única torre. Destaca-se a divisão da arquitetura neocolonial na volumetria em base (embasamento em material contemporâneo cerâmico), corpo (térreo, porém como dois níveis de pé-direito, e internamente como presença do coro), e coroamento (em cobertura aparente com beirais proeminentes e presença de frontão sinuoso).

Após o analisado, chega-se a uma provável conclusão de que esta arquitetura, pelos elementos ainda presentes, em atenção à torre e ao frontão, se trataria de uma arquitetura neocolonial do tipo hispânico-americano, marcada pela influência do *Mission Style* (Estilo Missões) “(...), que em Belém são representadas pelas residências conhecidas como *bolos de confeitiro*, *bolo confeitado* ou *bolos de noiva*, onde há mistura de elementos mouriscos, manuelinos, barrocos e outros (...)” (Azevedo, 2015, p. 86).

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antiga Capela do Instituto Dom Bosco, mesmo após o término das funções do Colégio que lhe deu o nome, ainda funciona como receptáculo arquitetônico sagrado católico, sendo frequentado por, inclusive, alguns ex-alunos. São, no geral, pessoas da denominada terceira idade (idosas), mas que em seu trabalhar mental ainda conseguem ativar suas conexões sinápticas ativando as memórias e por sua vez a imersão das lembranças de épocas em que a capela ainda estava, fisicamente, conectada à instituição educacional, portanto são registros vivos da memografia arquitetônica deste bem.

Em entrevistas realizadas *in loco*, foram coletados alguns relatos, preliminares, à usuários da capela (pesquisa em andamento) sobre suas experiências memoriais, abordando desde como vieram a conhecer a arquitetura, até suas opiniões acerca do espaço religioso. Como respostas obteve-se maior percepção para com a relação à religiosidade, ou seja, a arquitetura sendo vista, em síntese, como um espaço sagrado e de devoção. Logo, o fator arquitetura como patrimônio à cidade de Belém, ou no que tange a sua linguagem estética, não fora comentado ou observado por nenhum participante.

A manutenção da memória coletiva vincula-se à subsistência de um grupo. Logo, a estabilidade da memória da estética neocolonial em Belém também depende do vínculo ao grupo, no caso à comunidade/sociedade. Em outras palavras, a manutenção e o reconhecimento de obras neocoloniais, assim como a divulgação e participação/interação dos cidadãos ao processo de atestação de valor, são apontamentos que podem garantir ou assegurar a singularidade e a continuidade da memória desta estética arquitetônica.

A dificuldade ao histórico da obra estudada transmite parte da problemática acerca do significado agregador não só da arquitetura, mas da linguagem arquitetônica que esta emprega. A falta de registros no órgão de competência municipal torna-se um fator que aos poucos descorporifica a importância imagética e memográfica deste bem, pois com a falta dos acervos e os lapsos de memória na comunidade, a capela do antigo Instituto Dom Bosco, concomitantemente, passa a perder sua corporificação memográfica.

Em um plano geral esta arquitetura torna-se um tangível invisível, onde o processo de construção e desenvolvimento em relação às características neocoloniais em ambiente/função/uso religioso, em suma, a sua gramática arquitetônica desaparece. Afinal, nos estudos até aqui realizados sobre esta linguagem em Belém, apenas este exemplar emerge,

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



ou seja, pelo caráter de ser uma arquitetura religiosa, este objeto edificado é o único que atua para o preenchimento de uma das lacunas acerca do neocolonial na cidade.

O sentimento de identidade pode ser revertido nas discussões sobre a salvaguarda não só histórico-arquitetônica do neocolonial em caráter religioso, mas na memória social. Fatores como *pertencimento*, *identificação*, *apropriação* constituem eixos à correspondência afetiva e que assim como a objetividade técnica interferem às tomadas de decisões à preservação e intervenção sobre o ambiente construído.

São estruturas que amalgamam aos processos de aproximação e atendimento às necessidades humanas e que tendem a ser esquecidos ou subvalorizados nas intervenções, demonstrando, em certos aspectos, soluções físico-espaciais problemáticas à preexistência, mas efetivas à função/uso. Portanto, o que se propõe com esta pesquisa é destacar a arquitetura objeto de estudo como um espaço/ambiente construído na Amazônia voltado a arquitetura religiosa e que possui uma carga de aspectos simbólicos/históricos/estéticos que está se esvaindo na raiz da vida social.

6 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Felipe Moreira. A Linguagem Arquitetônica Tradicionalista: estudo das residências neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910-1940). Belém. **Dissertação** (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, 2015.

BASTOS, Ananda B; NERY, Paula Flores; AZEVEDO, Felipe Moreira. A ARQUITETURA E SEUS PAPÉIS COMO DOCUMENTO: Análise da estética neocolonial presente na Escola Barão do Rio Branco, em Macapá-AP. In.: **Anais 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação**. Belo Horizonte: Anais 7º SIAAD, 2021.

BASSALO, José Maria Filardo. O Ensino da Física em Belém do Pará. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, Vol. 17, nº 2, p. 152-158, 1995.

FACÃO, João Alberto Ferreira. A Educação Salesiana no Internato de Barcelos analisada à luz do sistema pedagógico salesiano e da visão de Ex-alunos. Manaus. **Dissertação** (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, 2008.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



FARIAS, Simone Viana; TAVARES, Willy da Silva. **História das Instituições Escolares do Pará (Belém) - Colégio Salesiano N^a S^a Do Carmo**. *on line*, 2008. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/propunhamos-nos-contar-a-historia-de-como-surgio-a-instituicao-de-ensino-nossa-senhora-do-carmo/69680> Acesso em: 20 de jun. de 2023.

GODOY, Renata de; SILVA, Luiz de Jesus Dias da. O tangível também pode ser “invisível”: reflexões acerca de bens culturais na cidade de Belém (PA). In: SILVA, Luiz de Jesus Dias da; MIRANDA, Cybelle Salvador (Orgs.). **Cultura, sociedade e espacialidades na Amazônia**. Belém: NUMA/UFPA, p. 105-120, 2020.

GÓIS, Antonio José Faria. Interpretando a talha barroca. **Repertório**, [S. l.], n. 14, p. 49–55, 2010.

GOMES, Lúcio Mozart Oliveira. Residências Art Déco no Bairro do Reduto: entre a modernização e o tradicionalismo (1930-1950). **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2021.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Mal-estar no Patrimônio: identidade tempo e destruição. **Revista Estudos Históricos**. Vol. 28. N° 55. Rio de Janeiro, p. 211-228, 2015.

LAEMMERT, Almanak. **Livro de Ouro comemorativo do Centenario da Independencia do Brasil e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Edição do Anuario do Brasil, 1923.

MASCARO, Luciana Pelaes. Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950. **Tese** (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

MCGRATH, David. Parceiros de crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. **Novos Cadernos do NAEA**, v. 2, n. 2, p. 57 - 72, dez. 1999. Disponível em <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/109>> Acesso em: 15 jun. 2023.

MIRANDA, Cybelle Salvador. Ruínas, duração e patrimonialidade. **Revista Rua**, Vol. 2, N° 22, Campinas, p. 407 – 424, novembro 2016.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



MOURÃO, Leila. Memória da indústria paraense. In: **XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13a Conferência Internacional de História de Empresas**. Niterói: XII CBHE, p. 1-27, 2017.

PAULA, Antonio Pacheco de. **Salesianidade: manual do colaborador salesiano**. Brasília: RSB, 2ª edição, 2012.

PITILLO, Silvana Assis. Os Salesianos e seus diversos projetos políticos pedagógicos. In: **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**, Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis: Anais XXVIII SINH, p. 1-9, 2015.

PITILLO, Silvana Assis. Os Salesianos no Brasil: uma visão histórico-reflexiva de um discurso universalizante inconsistente. **Tese** (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

RAPHAEL, P. Jayapalan (Coord.). **A Família Salesiana de Dom Bosco**. Brasília: Edebê, 2020.

SOUZA, Raissa Araújo de. **Reconhecimento de capelas cristãs nas paróquias de Nazaré e São José: arquitetura e memória**. Programa PIBIC/UFPA. 2022.

SOUZA, Rosana de Fátima Padilha. Reduto de São José: História e Memória de um bairro operário (1920-1940). **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

SMITH, Robert Chester. **Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo**. Brasília, DF: Iphan, 2012.

TEIXEIRA, L. G. The Port of Pará: o porto da história amazônica. In: **XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR**. Salvador: Anais do XI ENA, p. 1-20, 2005.

TIRAPELI, Percival. **Igrejas Barrocas do Brasil**. São Paulo: MetaLivros, 2008.

VIDAL, Celma Chaves Pont; OLIVEIRA, Douglas Nélio Lima de. Patrimônio fabril e história urbana no bairro do Reduto em Belém (PA). **Labor e Engenho**, Campinas, SP, v. 12, n. 3, p.

https://doi.org/10.20873/fev2024_1



p.331–340, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8652887>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Todos(as) os(as) autores(as) declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

Recebido em: 02/10/2023

Revisado em: 16/02/2024

Aceito em: 28/02/2024